

Resenha do Livro:

LEITE, S. Luiz Figueira: A sua vida heróica e a sua obra literária. Lisboa: Edição da Agencia Geral das Colônias, 1940. 251 p.

por **Robson da Silva Larranhaga**

lanosbor@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá

O livro é uma edição da Agência Geral das Colônias e traz autorização do Ministro das Colônias, de 13 de Maio de 1939. Nele, o autor expõe as memórias do Padre jesuíta Luiz Figueira (1575-1643), que teve importante papel no processo educativo dos indígenas e também segundo o próprio autor: “fontes puras de história colonial” (p.09). Serafim Leite (1890-1969) foi um historiador português e também um jesuíta que viveu no Brasil e atuou na Companhia de Jesus. Pelo fato de pertencer a essa ordem religiosa, seu estudo também alcançou importantes acontecimentos do período colonial. Um exemplo de grande trabalho também realizado por este autor, foi a obra “História da Companhia de Jesus no Brasil”, escrito entre 1933 e 1950 com dez volumes que foi digno do Prêmio Nacional de História em 1938.

O livro “Luiz Figueira: A sua vida heróica e a sua obra literária”, retrata essa figura histórica como um herói que veio da região do Alentejo. Ele estudou no Colégio e Universidade de Évora e posteriormente tornou-se missionário e escritor. O autor Serafim Leite se aprofunda no passado para resgatar as informações deste importante personagem da história luso-brasileira, desde sua chegada à Bahia em 1602, até seu fim trágico num naufrágio próximo a Belém em 1643. Estas e muitas outras informações a respeito do Padre Figueira foram analisadas a partir dos documentos publicados pelo Barão de Studart e também por pesquisas nos Arquivos de Portugal e Arquivo Geral da Companhia de Jesus; neles o autor pôde ter acesso a escritos inéditos de Luiz Figueira. A obra é composta por duas partes. Na primeira delas, temos uma narração de toda a vida de Luiz Figueira, desde a sua atuação na Companhia de Jesus até as suas aventuras e tragédias. Depois na segunda parte, temos uma análise historiográfica dos fatos narrados anteriormente, que legitima o discurso apresentado.

Em “A vida Heróica do Padre Luiz Figueira”, título que abre a primeira parte, podemos acompanhar sua formação em Évora, onde fez estudos de humanidades, Filosofia e Teologia (ordenando-se sacerdote) e depois já na Bahia, com seu primeiro escrito que se tem notícia “Carta Biental de 1602 e 1603”. Naquele mesmo momento, ele, ocupou o cargo de ministro do Colégio e aprendeu a língua Tupi, da qual viria a se tornar especialista. Uma das partes mais dramáticas desta primeira divisão do livro é sem dúvida, “A Missão e Viagem à Serra de Ibiapara”. Essa missão buscava comunicação de Pernambuco com o Maranhão e que pertencia ao ciclo da expansão portuguesa no norte do Brasil. Luiz Figueira teve a companhia de outros jesuítas e alguns índios de Pernambuco, mas o fato de antigas desavenças entre colonos portugueses e as tribos do Jaguaribe, somado a influência de invasores franceses no Maranhão, implicou numa emboscada de índios Tapuia à expedição em 10 de janeiro de 1608. A missão terminou com os emissários queimados vivos e o padre Francisco Pinto morto a golpes na cabeça.

[...] Não convinham, porém, aos franceses tais pazes entre os Jesuítas Portugueses e os índios. E foi fácil aos Franceses ludibrificar os índios, dando os pregadores como feiticeiros. Em tal perfídia mostrou-se zeloso um mancebo francês. Os índios escutaram-no e planejaram a morte dos padres [...] (p. 31)

Depois de enterrar seu amigo, Luiz Figueira fundou uma aldeia chamada São Lourenço, no Maranhão, em 10 de Agosto de 1608. Após o ocorrido na viagem a Ibiapaba, enquanto aguardava por novas missões, Luiz Figueira assumiu importantes cargos como Prefeito dos Estudos no Colégio de Pernambuco, em 1610 e Reitor em 1612. Depois permaneceu até 1621 com os trabalhos no Colégio, mas sempre com o desejo de voltar ao Maranhão. Historicamente a catequese representava um empecilho às intenções escravagistas, por isso alguns colonos escreviam à corte contra a vinda de religiosos da Companhia. Mesmo assim, devido ao estado em que se encontrava a nova conquista, foi designado o Padre Luiz Figueira para nova missão no Maranhão. A consequência da insistência da presença dos missionários no Maranhão foi o fato dos inimigos dos jesuítas se converterem em cristãos dedicados. Depois com a doação de terras em Anindiba (MA), graças a Luiz Figueira, foi construída uma igreja sobre a invocação de Nossa Senhora da Luz.

Luiz Figueira seguiu para Portugal em 1636, pois Pernambuco estava ocupado por holandeses, e, além disso, o sacerdote precisava também resolver questões burocráticas relacionadas às atividades no Maranhão e Grão-Pará. Em sua estadia no Velho Mundo, conseguiu o Alvará de 25 de Julho de 1638, que permitia de vez a sua administração eclesiástica no Maranhão.

No capítulo intitulado “A última Viagem 1643”, apresenta informações a respeito do recrutamento de jesuítas que acompanharam o Padre Luiz Figueira até o Maranhão. A Saída ocorreu de Lisboa em 30 de Abril de 1643, porém, um acidente na Ilha do sol resultou no naufrágio do navio. Luiz Figueira conseguiu sobreviver ao naufrágio com a ajuda de uma jangada, mas não sobreviveu ao ataque dos índios Aruãs na Ilha de Joanes (hoje conhecida como Marajó).

Na segunda parte da obra de Serafim Leite, o historiador apresenta as relações e outros documentos que datam do período em que os primeiros jesuítas chegaram à colônia e deixaram suas impressões por meio de cartas. O capítulo inicia-se com a “Carta Bienal da Província do Brasil 1602 e 1603”, onde encontramos relatos importantes sobre o Brasil, cujo período colonial é pouco estudado e que por isso, muitas outras informações continuam à espera de novas análises. Em “Relação da Missão do Maranhão”, de 26 de março de 1608 (1609), ao tornar como pano de fundo a morte trágica do Padre Francisco Pinto, o Padre Luiz Figueira descreveu a fertilidade da terra, as aves, a vegetação de modo geral e também os insetos, particularmente as aranhas caranguejeiras. Na Serra dos Corvos, ele nos relata as dificuldades com a alimentação e acomodações, isso se repete com a chegada a Serra de Ibiapara, onde ele também discursou sobre a alimentação oferecida pelos gentios da aldeia do Diabo Grande (Jurupariçu) no Maranhão. Ele ainda faz uma análise dos índios Tapuia, que eram povos perigosos, munidos com armas e que armavam emboscadas e costumavam receber visitantes com flechadas no peito. Além desses e outros

dados a respeito da catequese e da interação dos Padres com os índios, o autor também mostra o relato histórico de vários acontecimentos no Maranhão e Grão-Pará, como o êxito dos portugueses com ajuda indígena contra outros invasores europeus.

Esta obra exhibe matérias extras para o leitor, todas numeradas no “Índice das Gravuras” na página 245. Nela, é possível ser encontrado as relações e documentos de autoria de Luiz Figueira com seu autógrafo que nos conta das dificuldades da missão do Maranhão. Também, podemos observar a capa original da primeira e rara edição de “A Arte da Língua Brasileira”, obra consagrada do Padre Luiz Figueira sobre a língua Tupi, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Além dessas curiosidades que a obra apresenta, nas páginas 144 e 145 está uma gravura intitulada de “Morte do Padre Francisco Pinto de 1675” e o mapa “Vice Provinciae Societatis Jesu Maragonii anno MDCCLIII concinnata” nas páginas 234 e 235.

Serafim Leite envolve o leitor e instiga a curiosidade e a imaginação. Existe uma preocupação em induzir o leitor por meio desses materiais, em visualizar a realidade da época dos primeiros jesuítas do Brasil Colônia. Uma amostra disso é a “Fotocópia Moderna de uma Aldeia Jesuítica Antiga” presente nas páginas 208 e 209 que, ainda hoje, é uma imagem do que seriam as aldeias do tempo de Luiz Figueira. Apesar de ser um livro produzido na segunda metade da década de 1930, a linguagem não chega a ser um desafio. Serafim Leite expõe suas ideias de forma agradável e elegante.

Tanto pelo fato histórico e aventureiro que a obra apresenta quanto pela importância da figura do autor de “Arte da Língua Brasileira”, a impressionante obra de Serafim Leite, nos abre as portas do passado e nos convida a compreender nosso país numa época em que o Brasil terminava no Rio Grande do Norte. É importante ainda mencionarmos a rica contribuição de Luiz Figueira para a História da Educação. Seu estudo com a língua Tupi se assemelha aos estudos da gramática realizado pelo Padre José de Anchieta (1534-1597) nas regiões da Bahia e São Vicente. Além disso, a pesquisa realizada por Serafim Leite também abre caminhos para novas pesquisas. Isso significa que, embora haja muitos trabalhos relacionados a ação dos jesuítas no Brasil, os estudos relacionados as atividades de Luiz Figueira para com os indígenas do norte e nordeste brasileiro ainda são bem escassas, embora que ainda existam muitos materiais a espera de mais pesquisadores.